

# EL OS DE ODIO

EDITORIA  
EME

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

*Edição e distribuição*

**EDITORA EME**

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari-SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 9 9983-2575 ☎ | Claro (19) 9 9317-2800

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

RICARDO ORESTES FORNI  
ROMANCE ESPÍRITA

EL OS DE  
ODIO

Capivari-SP | 2019

© 2019 Ricardo Orestes Forni

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pelo autor para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, instituições de atendimento social de Capivari-SP.

1ª edição - junho/2019 - 4.500 exemplares

CAPA | André Stenico

DIAGRAMAÇÃO | vbenatti

REVISÃO | Sônia Rodrigues Cervantes

#### Ficha catalográfica

Forni, Ricardo Orestes, 1947

Elos de ódio / Ricardo Orestes Forni - 1ª ed. jun. 2019 -  
Capivari-SP: Editora EME.

240 p.

ISBN 978-85-9544-109-5

1. Romance espírita. 2. Lei de causa e efeito.
3. Deformidade física de nascença. 4. Lei do perdão. I. Título.

CDD 133.9

*Reconciliai-vos o mais depressa com o vosso adversário, enquanto estais com ele no caminho, a fim de que o vosso adversário não vos entregue ao juiz, e que o juiz não vos entregue ao ministro da justiça, e que não sejais aprisionado. Eu vos digo em verdade, que não saireis de lá, enquanto não houverdes pago até o último ceutil.*

**(Mateus, cap. V, v. 25-26)**

*Feliz, pois, aquele que pode cada noite adormecer dizendo: Nada tenho contra o meu próximo.*

**(Simeão, Bordéus, 1862) – E.S.E., cap. X**

*O ódio é o filho predileto da selvageria que permanece em a natureza humana. Irracional, ele trabalha pela destruição de seu oponente, real ou imaginário, não cessando, mesmo após a derrota daquele.*

**Joanna de Ângelis (O homem integral)**



# SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| A pessoa-bomba .....                    | 9   |
| A disforme.....                         | 13  |
| <i>Mea culpa</i> .....                  | 19  |
| Os registros implacáveis do tempo ..... | 29  |
| Na torre da verdade.....                | 39  |
| O sumiço de Ritinha .....               | 53  |
| O homem põe e Deus dispõe.....          | 65  |
| O diálogo .....                         | 79  |
| Na casa de Maria.....                   | 89  |
| As recordações de dona Cândida .....    | 107 |
| As recordações continuam.....           | 123 |
| As visões de Marcelle .....             | 133 |
| Explicações de irmão Virgílio.....      | 149 |
| Dona Cândida e o padre João .....       | 161 |
| A noite de Marcelle.....                | 175 |
| A agressão de Afonso .....              | 185 |

|                             |     |
|-----------------------------|-----|
| Marcelle e o obsessor ..... | 195 |
| E a vida continua.....      | 209 |
| Vinte anos depois!.....     | 217 |
| José e o padre João .....   | 227 |

# A PESSOA-BOMBA

INFELIZMENTE, VEEM-SE NOS noticiários da imprensa escrita e televisionada notícias lamentáveis de explosões de carros-bomba ou de homens e mulheres com cargas de explosivos atados aos próprios corpos, visando destruir a outros seres humanos.

A maior vítima, quando a carga mortal é detonada, é aquela que a traz presa ao próprio corpo ou dentro do veículo assim preparado para a finalidade de destruir e destroçar a tudo e a todos em determinada área.

Exemplo marcante desse fato foram os edifícios do World Trade Center nos Estados Unidos. Quantas vítimas! Quantas vidas ceifadas em uma fração de segundos!

Não é difícil imaginar o estado de destruição a que fica reduzido o corpo que está mais próximo da carga letal. E esse corpo é exatamente daquele que transporta o material destinado à destruição.

Trouxemos essa imagem para fazer uma comparação com o ódio. A maior vítima daquele que odeia não é a pessoa que se transforma num desafeto, mas aquela na qual o ódio nasce. Funciona esse sentimento como um

verdadeiro carro-bomba onde o motorista é o maior atingido. O mesmo ocorre quando o próprio corpo é o veículo que transporta o material destinado à destruição. Dessa pessoa propriamente dita só restam retalhos humanos irreconhecíveis.

Quando alguém se permite odiar, implode a carga vibratória negativa contra si mesmo num primeiro segundo, atingindo diversos órgãos do seu corpo através de mecanismos variados. Contudo, o resultado é sempre o mesmo: destruição da saúde física e emocional daquele que odeia.

Lembramo-nos de uma passagem da vida de Chico Xavier, o apóstolo do amor no século XX, em que ele se dirigia apressado ao trabalho para o sustento próprio e dos seus familiares quando uma senhora interceptou seu caminho desejando trocar algumas palavras de orientação com ele. Chico, fiel às suas obrigações junto ao emprego, pediu desculpas e se colocou à disposição daquela pessoa em outra ocasião, justificando-se pela necessidade de cumprir o horário que tinha para seus compromissos.

Entretanto, mal deu alguns passos, recebeu a orientação de Emmanuel que voltasse e dedicasse alguns minutos de atenção àquela pessoa.

Chico, como sempre, aquiesceu e escutou a conversa rápida da mulher. Despediu-se e continuou seus passos sob as vibrações de gratidão da que recebera a sua atenção que, alegre e sorridente, dizia: “Vá com Deus, Chico!”

Emmanuel, novamente orientou ao Chico que olhas-

se em direção da senhora, contente por ter conversado com ele. Dela partiam emanações luminosas nascidas do sentimento de gratidão.

Emmanuel, então, completou a sua lição: “Chico, a senhora agradecida emite energias positivas para você. Imagine o que dela partiria caso você não a tivesse atendido!”

Desse pequeno episódio podemos avaliar quais as vibrações que o agressor emite quando movido pelo sentimento de ódio. Quando permitimos que ele nasça em nós, já começa destruindo o seu local de origem, ou seja, aquele que se predispõe a odiar. Somos a primeira e maior vítima do ódio e não a pessoa contra quem lançamos esse lamentável sentimento.

Por quanto tempo mais continuaremos a ser a *pessoa-bomba* que agride violentamente a si mesma no cultivo desse desequilíbrio?

*“O sacrifício que vos obriga a amar aqueles que vos ultrajam e vos perseguem é penoso; mas é precisamente isso que vos torna superiores a eles; se vós odiais como vos odeiam, não valeis mais do que eles.”*

**E.S.E., (Fénelon, Bordéus, 1861)**



# A DISFORME

- NÃO! TIREM esse monstro de perto de mim! Ela não irá mamar em meu peito! - gritava Rosimeire afastando-se da criança recém-nascida que apresentava terrível deformidade em seu corpo físico, em seu quarto do hospital.

Ritinha, a filha, havia nascido com o corpo desfigurado, torcido como se fosse um parafuso e que causava asco à própria mãe.

A avó, dona Cândida, que lhe havia sugerido o nome - Ritinha - já que era devota de santa Rita de Cássia, tinha confeccionado todo o enxoval desde que soube da gravidez da filha e percebera um grau de insatisfação incompreensível em Rosimeire quando esta tomou conhecimento da maternidade em curso, buscava interferir em favor da neta:

- Rosimeire! Tenha piedade de sua própria filha que acabou de nascer!

- Não é minha filha, mamãe! É um monstro que eu não gerei! Isso aí não saiu do meu ventre! Aliás, se eu soubesse que era *isso* que iria nascer, teria dado um jeito antes...

- Meu Deus! Que sentimentos são esses?! Essa criança veio ao mundo com essa deformidade pelo consentimento de Deus, minha filha! Não lhe negue o alimento para a sua sobrevivência! Que culpa a infeliz tem de ter nascido com essa deformidade?! Imagine o quanto irá sofrer!

- Não sei e não quero saber! Longe de mim com esse monstro! Vou mandar dar um *jeito* nessa infeliz para que não envergonhe nossa família.

- Não fale desse jeito, minha filha! Ela não é um objeto sem vida, sem sentimentos. Devemos ampará-la ao invés de alimentar sentimentos de rejeição e asco contra esse ser infeliz, Rosimeire.

- De maneira nenhuma! Não gerei esse monstro e não a aceito como filha! Por favor, mamãe! Leve-a daqui e para bem longe. Não quero vê-la nunca mais! Nunca mais!

- Mas a criança poderá morrer por falta de alimento! Isso não lhe dói na consciência? Não toca o seu coração? Como irá sobreviver se a própria mãe lhe recusa do seu leite?! Pelo menos até ser batizada, não lhe negue seu leite. Se ela morrer pagã, irá para o limbo\* como ensina a nossa religião!

- Já disse: não sou mãe desse monstro! Suma com ela daqui senão eu arrumarei um jeito para que isso aconteça! Por favor, mamãe! Não insista!

---

\* Nota do autor: a ideia de uma região denominada pela Igreja católica de limbo e destinada às crianças que morressem sem o batismo, só foi extinta em 2007 e o drama relatado se passa no início do século XX.

- Vamos, então, tirar um pouco do seu leite e colocar numa mamadeira para que ela possa ser alimentada, Rosimeire. Não a condene à morte por falta de um mínimo de alimento! A criança não entrará em contato com você. Ordenhamos o seu seio e coletamos o leite para administrar a ela. Não se aproximará do seu corpo. Não irá *contaminá-la* como você pensa, minha filha.

- Pois estou fazendo um favor a essa *coisa*. Melhor que morra logo, assim se livrará dos sofrimentos que certamente terá que enfrentar.

- Mas Deus quis assim, Rosimeire! Não temos o direito de decretar a morte da criança!

- Confesso que não entendo muito desse seu "Deus", mamãe. A vida tem muitos fatos que falam contra a existência d'Ele!

- Rosimeire, minha filha! Agora você está blasfemando!

- Ora, mamãe! Falar a verdade é blasfemar?! Vamos tomar o exemplo que nasceu do meu ventre. Por que seu "Deus" permitiu que ela nascesse assim no meio de tantas pessoas sem problemas? Será que o seu "Deus" quis *premiá-la* com tal deformidade?

- Rosimeire, não devemos discutir ou cobrar sobre a vontade d'Ele. Não temos o direito de interpelar a Providência Divina.

- E por que não, mamãe? Se Ele nos deu inteligência é para raciocinarmos inclusive sobre Ele mesmo! Ou será que tem algum segredo que não podemos descobrir a exemplo do tal paraíso com a árvore do fruto proibido que Eva fez Adão comer e por isso estamos

todos aqui até hoje nesse mundo? Talvez as crianças acreditem nessa história sem pé nem cabeça! Como podemos ser expulsos de um paraíso, por esse Deus, por erros de outras pessoas?! Francamente, mamãe, não dá para aceitar!

- Que Deus te perdoe as blasfêmias, minha filha!

- Ora, mamãe. A senhora mesma é uma prova da injustiça divina!

- Eu?!

- Sim! A senhora! Por que Ele permitiu que o papai fizesse com a senhora o que ele fez quando...

- Por favor! Não me force a lembrar esses fatos do passado que me marcaram para sempre!

- Está vendo?! Onde Deus estava naquela hora?!

- Não sei explicar, mas continuo confiando n'Ele.

- Está vendo? É a fé cega, que não raciocina, que é proibida de pensar. Proibir de pensar um ser a quem Ele deu a inteligência como o ser humano, não faz nenhum sentido!

- Vamos voltar ao nosso assunto do momento presente, Rosimeire. Forneça um pouco do seu leite para a sua filha enquanto pensamos em algo mais humano para fazer com ela. Matá-la de fome é atitude que nem animais são capazes de ter.

- Mamãe! Já falei para a senhora. *Isso* que nasceu não é um ser humano e nada tenho a ver com esse monstro. Suma com essa *coisa* daqui, por favor! Não me envergonhe! Como já disse, se tiver algum escrúpulo em sumir com *isso*, eu mesma o farei!

- Meu Deus! Tende piedade de nós! Cada vez mais entendo por que Jesus, ao ser crucificado, rogou perdão a todos os seus algozes. Precisamos do seu perdão a todo o momento, Senhor!

- Eu não preciso, mamãe. E se precisar, a culpa é d'Ele que permitiu nascer uma *coisa* dessas! Afinal, vocês não dizem que não cai uma folha de uma árvore sem que Ele consinta? Pois, então! Cobre d'Ele o fato desse ser, que não sei o que é, existir!

- Não posso levá-la comigo para casa. Você sabe muito bem que seu pai não aceitaria. Orgulhoso como é, Afonso jamais permitiria!

- Pois, então, tenho a quem puxar! Suma com essa menina, ou seja lá o que *isso* for, da minha frente, por favor! Aliás, gostaria de perguntar a seu Deus o que foi que eu fiz para gerar essa monstruosidade!

- Não é um monstro, Rosimeire! Chama-se Ritinha.

A moça gargalhou diante da colocação materna e exclamou:

- Pois sim! Esse ser em seus braços é humano para ter um nome?! - disse ironicamente e tornou a gargalhar.

Nos braços da avó, Ritinha esboçava uma espécie de gemido em forma de um choro muito fraco. Gemia de fome ou atingida pelos sentimentos violentos daquela que deveria acolhê-la como mãe?

A menina tinha um rosto normal. Porém, do pescoço para baixo seu tronco ia se retorcendo como se fosse um parafuso malformado. A deformidade atingia-lhe até os pés que seguia o retorcimento iniciado no pescoço e que

se estendia pelo resto do frágil corpo acolhido no enxoval confeccionado pela avó.

Perante a atitude da filha, dona Cândida relembrava a repulsa que a gravidez impusera à filha Rosimeire desde o início, o que a levou a providenciar as roupinhas da criança e a pensar em um nome para ela.

Quantos mistérios a vida do ser humano abrigava! Rosimeire rejeitara a gravidez desde o seu princípio. Que mal fizera aquela menina, deformada dessa maneira, à própria mãe para incompatibilizá-la desde a notícia de estar ela grávida? Não dera o braço a torcer diante as indagações de Rosimeire, mas ela também pensava na razão de uma criança inocente vir ao mundo naquela situação!

Recusada pela mãe. Defeituosa para o resto de uma vida que poderia ser mais ou menos longa e que imporia a Ritinha sofrimentos indescritíveis!

“Por que daquilo tudo, meu Deus?!” – pensava em silêncio para não complicar ainda mais a situação.

“Entretanto, não cabia a ela questionar os motivos da Providência Divina. Cabia-lhe tudo fazer para que a vontade de Deus se cumprisse na Terra.” – raciocinava em seu íntimo dona Cândida com a criança em seus braços, enquanto buscava em si mesma uma solução para o problema.

“O que não podia, de maneira nenhuma, era abandonar um ser naquela situação no deserto sentimental do mundo dos homens!” – pensava a mãe de Rosimeire enquanto estreitava a neta nos braços.